6º Simpósio Internacional da Faculdade de Ciências Sociais

A qualquer descuido da vida a morte é certa

10 a 12 de Agosto de 2022

UFG – Goiânia – GO

Grupo de Trabalho 11 – Lazer e Sociedade

Título do Trabalho: Cinema e Ideologização: Apontamentos sobre a dominação cultural na produção audiovisual da Brasil Paralelo

Juliana Antunes de Lima Costa (Faculdade de Ciências Sociais – Universidade Federal de Goiás / FCS – UFG)

CINEMA E IDEOLOGIZAÇÃO:

Apontamentos sobre a dominação cultural na produção audiovisual da *Brasil Paralelo*

Dominação cultural, no âmbito sociológico, apresenta-se enquanto um elemento amplamente discutido nas teorias desenvolvidas por Marx, Gramsci, Bourdieu, dentre outros autores. Elaborando uma significação do conceito em linhas breves, torna-se possível pensar a dominação cultural enquanto um artífice da burguesia no sentido de tornar suas ideologias impostas sobre as demais classes sociais, de maneira a prezar pela manutenção do modo de produção vigente – isto é, o capitalista. Paralelamente a isso, Benjamin, em seu *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*, já chamava a atenção ao fato de que, ainda nos anos 30, o cinema encontrava-se enquanto um dos elementos de maior utilização para a veiculação dos ideais das classes dominantes, em virtude de características ligadas à sua performatização, espetacularização e alto grau de possibilidade reprodutiva. Na hodiernidade, com o surgimento das novas tecnologias, bem como com o advento da plataformização cinematográfica, manifestada através da expansão das plataformas de *streaming*, a veiculação de ideologias dominantes através do conteúdo audiovisual tornou-se não apenas mais ampla, como também mais evidente. Articulando a discussão anterior à temática do presente trabalho, concentrada na questão da *Brasil Paralelo*, deve-se apresentar tal organização enquanto uma empresa brasileira fundada em 2016 com o foco na produção de vídeos, séries e documentários que veiculam ideais de cunho conservador. Os valores defendidos pela empresa – conforme consta em sua própria plataforma – perpassam a questão da *liberdade, da ambição e da meritocracia.* Isto posto, tendo em vista a influência da Brasil Paralelo sobre a ocupação de tempo livre de determinados grupos sociais – com ênfase nos mais jovens e naqueles que residem nas zonas periféricas, uma vez que, a título de exemplificação, em 2021 a empresa chegou a elaborar um projeto para a exibição gratuita de seus conteúdos em Paraisópolis (SP) –, como podemos articular as teorias atreladas à dominação cultural a essa realidade? No ínterim de responder tal problematização, a presente investigação, eivada na pesquisa bibliográfica e documental, visa articular conceitos ligados ao entretenimento, à estética e à cultura, de maneira a trazer constatações ligadas à ideologização promovida pela Brasil Paralelo através da veiculação de seus conteúdos audiovisuais.

Palavras-chave: Cinema, Ideologia, Brasil Paralelo.

"Porque gado a gente marca
Tange, ferra, engorda e mata
Mas com gente é diferente"
Disparada – Canção de Théo de Barros e Geraldo Vandré

Cultura e Dominação cultural – brevíssima revisão bibliográfica

Conforme já é do conhecimento do leitor a esta altura, não apenas um autor se debruçou à interpretação da cultura e da dominação cultural. Marx e Engels, no desenvolvimento das teorias que pensavam no tema da *infra* e da *superestrutura* ou da ideologia; Gramsci ao pensar sobre a temática da hegemonia; ou Bourdieu ao pensar sobre os conceitos de *habitus* e campo são apenas algumas exemplificações de autores sociológicos que pensaram e produziram sobre o tema da cultura e da consecutiva busca pela dominação utilizando-se de tal viés.

Em um plano exordial, é de nosso conhecimento que o ponto-chave nas obras de Marx e Engels se concentrava na elaboração de uma teoria capaz de abarcar as nuances – e contradições – vigentes na sociedade guiada e permeada pelo modo de produção capitalista. Nesse sentido, a teoria correspondente à ideia de *infra* e *superestrutura* vinculava-se ao reconhecimento de que pensar tal sociedade apenas no âmbito das relações de produção, sem levar em conta os pontos que extrapolavam a ordem material, era incabível. Nesse sentido, durante a redação d'*A Ideologia Alemã,* os autores afirmam:

> A produção de ideias, de representações, da consciência, está, em princípio, imediatamente entrelaçada com a atividade material e com o intercâmbio material dos homens, com a linguagem da vida real. O representar, o pensar, o intercâmbio espiritual dos homens ainda aparece, aqui, como emanação direta de seu comportamento material. (MARX e ENGELS, 2007, p.93)

Isto posto, os autores deixam em evidência na afirmação anteriormente proposta a existência de um círculo que transpassa os enlaces de ordem concreta, transpassando-se ao campo das ideias. Mas este campo, por sua vez, é determinado pelas relações findadas na concreticidade[1].

---

[1] Isto se torna ainda mais evidente diante da analogia de que "Totalmente ao contrário da filosofia alemã, que desce do céu à terá, aqui se eleva da terra ao céu. [...] parte-se dos homens realmente ativos e, a partir de seu processo de vida real, expõe-se também o desenvolvimento dos reflexos ideológicos e dos ecos desse processo de vida." (MARX e ENGELS, 2007, p.94)

Retomando a citação acima transcrita, Marx e Engels (2007, p.93) afirmam que "A produção de ideias, de representações, da consciência, está, em princípio, imediatamente entrelaçada com a atividade material dos homens [...]" e, levando em consideração que tal atividade, até o presente, é coordenada pelo fluxo do capital, pode-se desempenhar o entendimento de que as ideias produzidas serão vinculadas, desse modo aos interesses do capital. É, pois, nesse sentido que emerge a concepção de ideologia.

Ideologia, no escopo marxiano, vincula-se à ideia da classe dominante. Doravante, Marx e Engels (2007) já afirmavam que as ideias da classe dominante são as ideias dominantes em cada período, além de serem a expressão das relações materiais dominantes. Outrossim, tal classe já detém os meios de produção material que possibilitam sua produção e reprodução.

É tomando inspiração na teoria marxiana que Gramsci constrói a ideia de hegemonia. Seu laço teórico, todavia, não detém todos os elementos da obra de Marx e Engels, mas sobretudo o ideal de *infra* e *superestrutura* construídos pelos autores, em um processo de *adaptação* de suas ideias. Nesse sentido, em sua teoria, a hegemonia se consolida por meio de embates atrelados, não apenas à econômica e à política, mas também às questões culturais. Deve-se trazer à tona, ainda, que cultura no espectro *gramsciano* encontra-se enquanto um elemento versado em múltiplas conotações.

De acordo com Martins e Marteleto (2019), a construção do conceito de cultura em Gramsci se liga simultaneamente enquanto uma "expressão da sociedade", uma "relação da humanidade com a realidade, mediada pela tecnologia", uma "capacidade crítica-reflexiva" ou "modos de saber e pensar a realidade concreta de maneira a intervir em sua transformação". Outrossim, sua concepção de cultura é interligada a uma relação entre o material – isto é, a infraestrutura (GRAMSCI, 1999). Deve-se frisar, ainda, que, no campo da *superestrutura*, Gramsci elabora uma dissociação em relação à obra de Marx e Engels, no sentido de tomar tal meio versado em duas esferas:

> A primeira é representada pela sociedade política, conjunto de mecanismos através dos quais a classe dominante detém o monopólio legal da repressão e da violência, e que se identifica com os aparelhos de coerção sob controle dos grupos burocráticos unidos às forças armadas e policiais e à aplicação das leis. [...] A outra esfera é a sociedade civil, que designa o conjunto de instituições responsáveis pela elaboração e propagação de ideologias enquanto concepções de mundo, compreendendo o sistema escolar, a Igreja, os partidos políticos, as organizações profissionais, os sindicatos, os meios de comunicação, as instituições de caráter científico e artístico, etc. (MORAES, 2010, p.57)

Além disso, o autor expressa que a hegemonia não se dá apenas enquanto um modo de coerção, mas pode se apresentar também enquanto um consentimento social (GRAMSCI, 2002; MORAES, 2010). Seu modo de pensar a hegemonia é uma releitura do pensamento leninista, onde tal questão estaria vinculada à direção do proletariado no momento democrático-burguês; é tomando isso que Gramsci transcreve a hegemonia enquanto a tradução do conjunto entre direção e domínio na produção de um bloco de forças (MARTINS e MARTELETO, 2019). Isto posto,

> A hegemonia é, portanto, a orientação cultural, a direção, a dominação e a manutenção do poder exercido pelas classes dominantes através da combinação da força e, sobretudo, da persuasão, da elaboração do consenso ativo para fixação de significados sociais, crenças e variadas formas de construções simbólicas, os quais, dialeticamente, também determinam a dinâmica da infraestrutura econômica. (MARTINS e MARTELETO, 2019, p.13)

Por fim, outro autor a tratar da temática da cultura, bem como de enlaces que permitem-nos discutir a temática da dominação cultural, é Pierre Bourdieu. Seus estudos acerca desse âmbito, conforme já foi expresso no início desta seção, estão associados com grande vigor a dois conceitos de sua obra: o *habitus* e o campo.

A priori, refletindo-se sobre o *habitus*, este é definido por Bourdieu (2007, p.41) da seguinte maneira:

> [...] sistemas de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, que dizer, enquanto princípio de geração e de estruturação de práticas e de representações que podem ser objetivamente "reguladas" e "regulares" sem que, por isso, sejam o produto da obediência a regras, objetivamente adaptadas a seu objetivo sem supor a visada consciente dos fins e o domínio expresso das operações necessárias para atingi-las e, por serem tudo isso, coletivamente orquestradas sem ser o produto da ação combinadas de um maestro.

Por meio dessa significação preliminar em relação ao termo, duas questões ficam em evidência: 1) a reflexão de *habitus* expressa por Pierre Bourdieu está ligada ao pensamento sobre comportamentos absorvidos e repercutidos por um determinado grupo de indivíduos – o que gera seu caráter simultâneo de "estrutura estruturante e estruturada"; 2) o autor não nega a autonomia dos indivíduos, de maneira a reconhecer que, ainda que existam estruturas a atuar de maneira a ditar um determinado padrão ao grupo social x , esse assume a maneira de estrutura *regulada* e *regular*.

Outro caráter associado ao *habitus* está expresso em sua mutabilidade. Bourdieu (2003) escreve que, sendo o *habitus* um conjunto de disposições de ordem durável e, simultaneamente, transferível – ou seja, que passa por modificações (ou, tomando a grafia do autor, correções) ligadas às experiências passadas, de maneira a obter-se assim uma relação de ordem dialética neste meio.

Ligado ao entendimento de *habitus* emerge o conceito de campo, descrito por Bourdieu (2003) como uma relação com o *habitus*. Ainda segundo o autor:

> Os campos se apresentam à apreensão sincrônica como espaços estruturados de posições (ou de postos) cujas propriedades dependem das posições nestes espaços, podendo ser analisadas independentemente das características de seus ocupantes (em parte determinadas por elas). (BOURDIEU, 2003, p.119)

É nesse sentido que Bourdieu traz sua compreensão da sociedade enquanto uma multiplicidade de campos sociais, onde cada qual possui sua própria dinâmica, estrutura e relações hierárquicas. O vínculo deste elemento com o conceito de *habitus*, por sua vez, se dá no sentido dessas próprias relações vigentes dentro do campo, onde há um predomínio do poder simbólico, o qual, de acordo com Souza (2013, p.4) é onde se estabelecem a classificação de símbolos, sob critérios de adequação, legitimação, pertencimento a um determinado código de valores, etc.

Retomando a compreensão de Bourdieu da sociedade enquanto um todo composto por diversos campos, é possível tomar enquanto espaços de produção e reprodução do *habitus* uma gama de exemplificações. Espaços destinados à disseminação de informações, como a mídia, ou locais ligados à construção e instrução de valores hierárquicos, como a Igreja ou a escola, são exemplos de espaços que podem ser depreendidos enquanto reprodutores desses padrões descritos por Pierre Bourdieu.

E por onde partir?

Conforme foi visto na seção anterior, os temas da cultura e da dominação cultural apresentam-se na posição de engrenagens de fortes debates no âmbito sociológico. Para além disso, tal eixo se concentra enquanto um ponto que mobiliza, historicamente, os mais vastos campos de estudo das ciências sociais. Da antropologia à sociologia, vários autores se dedicaram – e se dedicam – à elaboração de teorias e descrições a respeito dessa questão. Isso demonstra a alta complexidade vigente nesse campo.

Dessa maneira, em virtude de critérios de ordem didática, para dar prosseguimento ao interesse de debate do presente trabalho, concentrado nas produções realizadas pela *Brasil Paralelo,* adotarei enquanto significado de dominação cultural um olhar que a pensará em convergência a um entendimento de incidência de determinadas ideologias sobre um grupo social, de maneira a conquistar-se uma vigência de concordância dos indivíduos que o compõem em relação às mesmas. Essas ideologias, por sua vez, em conformidade ao ideal marxiano, são ligadas ao poderio emergente em relação à classe dominante – isto é, a classe burguesa.

Tomar essa compreensão para refletir sobre nosso objeto de estudo se torna perspicaz, posto o reconhecimento da *Brasil Paralelo* no formato de uma empresa, que retoma ideais ligados à ideologia neoliberal, versada no discurso fanático em relação aos temas da meritocracia e consecutiva potência do individualismo em relação ao todo social. Outrossim, é indispensável frisar que, para além dessas *máximas*, questões de cunho conservador, ou que muitas vezes beiram o ideário fascista[2], no sentido da elaboração de discursos onde períodos assombrosos da história passam a ser vislumbrados enquanto *momentos gloriosos* – tal como se dá no documentário "1964: O Brasil entre livros e armas", desenvolvido pela produtora em 2019 – também ganham lugar na narrativa construída pela produtora.

São esses os ideais, por sua vez, que passam a se tornar vigentes nas produções circuladas pelo grupo e que são impostos enquanto meios de ocupação do tempo livre a uma vasta gama de pessoas, atingidas pelos mesmos através de redes sociais ou projetos desenvolvidos pela produtora, que chegou a tomar ações no sentido de promover exibições gratuitas de seus conteúdos em regiões periféricas brasileiras, tal como em Paraisópolis (SP) no ano de 2021.

Sobre o cinema e a reprodutibilidade técnica

O surgimento do cinema remonta-se por volta de 1895, sendo a primeira projeção realizada por Auguste e Louis Lumière – aliás, como ficaram conhecidos, os *irmãos Lumière* – em um café em Paris. Em virtude do realismo presente no mecanismo de

[2] Torna-se vital retomar aqui a ideia de Marcuse (2001), onde o autor descreve que, muito embora o fascismo tenha sido derrotado em seu formato militar, as ideias que lhe serviram de embasamento se diluíram e passaram a firmar sua existência no âmbito social.

imagem-movimento, todavia, as primeiras imagens a serem exibidas no contexto supracitado acabaram por assustar ao publico disposto no café, que correu aos saltos.

Recobrar tal história a respeito do cinema torna-se interessante uma vez que a busca pela representação da realidade torna-se um elemento com profunda constância no mesmo. Mas essa temática de vínculo entre a arte e a realidade, ou o próprio cinema e a realidade, deve-se esclarecer, é suscetível a uma gama de debates. Foram as reflexões balzaquianas que apontaram a arte enquanto uma representação do real.

No caso do cinema, especificamente, Bernadet (2015, p.10), contrapõe-se a tal afirmação alegando que

> Dizer que o cinema é natural, que ele reproduz a visão natural, que coloca a própria realidade na tela, é quase como dizer que a realidade se expressa sozinha na tela. Eliminando a pessoa que fala, ou faz cinema, ou melhor, eliminando a classe social ou a parte dessa classe social que produz essa fala ou esse cinema, elimina-se também a possibilidade de dizer que essa fala ou esse cinema representa um ponto de vista. Ao dizer que o cinema expressa a realidade, o grupo social que encampou o cinema coloca-se como que entre parênteses, e não pode ser questionado. Esse problema é talvez um tanto complicado, mas é fundamental tentar equacioná-lo para que se tenha idéia de como se processa, no campo da estética, um dos aspectos da dominação ideológica.

Nesse sentido, se formos tomar as representações artísticas enquanto expressões da realidade, devemos levar em conta esses fatores que circundam a mesma. Nesse sentido torna-se possível retomar a própria afirmação de Benjamin (1940, p.2) sobre a história: "Todos os que até hoje venceram participam do cortejo triunfal, em que os dominadores de hoje espezinham os corpos dos que estão prostrados no chão. Os despojos são carregados no cortejo, como de praxe." Assim como o conhecimento que temos do passado se vincula ao *cortejo dos vencedores*, as sombras mais disseminadas a despeito do presente também se associam a tal.

Bernadet (2015) ainda dá prosseguimento em sua análise sobre o cinema postando o ínterim da classe burguesa na elaboração de uma estética que buscasse apresentar suas ideias enquanto uma expressão da realidade. O cinema, por sua vez, apresentou-se enquanto uma estratégia infalível a essa expectativa, justamente em virtude de sua fácil possibilidade reprodutiva.

Mesmo um século após sua escrita, o ensaio *benjaminiano* sobre a *obra de arte na era da reprodutibilidade técnica* se apresenta enquanto um conjunto de linhas na ordem do dia. A tese expressa nessa obra, por sua vez, está ligada à atribuição do cinema enquanto

um meio artístico totalmente voltado ao objetivo de cumprir com a reprodução. Conforme expressa o autor, é essa possibilidade de reprodução que se apresenta enquanto um fim à aura da obra de arte, o despigmento de sua temporalidade, a supressão de seu *aqui e agora*.

Ademais, Benjamin (2021, p.35) traz reflexões de grande valor atreladas ao próprio contato das massas com a arte. Em suas palavras:

> A possibilidade de reprodução técnica da obra de arte transforma a relação das massas com a arte. [...] em parte alguma, mais do que no cinema, as reações dos indivíduos, cuja soma constitui a reação em massa do público, se mostram imediatamente condicionadas pela sua massificação iminente. E na medida em que se manifestam, controlam-se.

Nesse sentido, é adotando-se essa possibilidade de reprodução e controle que a burguesia apodera-se do cinema na busca da constituição de sua realidade. Não é tarde para se recordar que foi Goebbels quem afirmou que "uma mentira contada várias vezes se torna uma verdade". Nesse sentido, há uma estreita relação entre o cinema, a reprodutibilidade técnica e a própria dominação cultural, que aqui tomei enquanto *a incidência de determinadas ideologias sobre um grupo social, de maneira a conquistar-se uma vigência de concordância dos indivíduos que o compõem em relação às mesmas.*

A tese sobre reprodutibilidade técnica cunhada por Walter Benjamin teve sua primeira publicação feita em 1936, muito antes da *internet* como conhecemos na hodiernidade se tornar um mero pensamento. Nesse sentido, a possibilidade reprodutiva, doravante disseminadora ideológica realizada através do cinema era ainda menor que aquela realizada na hodiernidade, por meio das *plataformas de streaming*, que comprova o teórico em níveis que beiram a distopia.

A Brasil Paralelo e suas produções

Elaborando-se um panorama acerca do surgimento e expansão da Brasil Paralelo, de acordo com as informações divulgadas em seu próprio *site*, o surgimento da empresa remonta ao ano de 2016, com a união de Filipe Valerim, Henrique Viana e Lucas Ferrugem, em Porto Alegre. É preciso evidenciar, todavia, a inexistência de uma certeza quanto à criação do grupo. Isso porque, do decorrer de sua história, houveram tentativas[3]

---

[3] Acerca disso pode-se encontrar mais informações em "Polêmicas na Wikipédia: o caso do verbete 'Brasil Paralelo'", disponível no seguinte link:

de elaborar a criação de novas narrativas interligadas ao mesmo, de maneira a concretizar-se uma história basilar interligada aos ideais de meritocracia difundidos pelo grupo.

Entretanto, já é de nosso conhecimento a névoa que permeava o cenário político e social de 2016 no Brasil. Acerca disso, não deixa de ser interessante recobrar o exposto por Silva et al (2014), ligado a alguns dos fatores que corroboraram para com a expansão de grupos interligados à direita e à extrema-direita brasileira no Brasil. De acordo com as autoras, elementos que caminham desde a ressaca promovida pelo esvaziamento das lutas promovidas em 2013, até o crescimento exponencial das mídias digitais foram fatores cabais para o crescimento desses grupos. As autoras ainda acrescentam que:

> A televisão, os blogs, faces e páginas pessoais ou da mídia estão saturados de mensagens e filosofias que dão sustentação ideológica para o campo ideológico da extrema-direita. [...] O projeto da extrema-direita é alimentado por fundações, associações, institutos e grupos que articulam a chamada sociedade civil organizada, empresários e pensadores de ocasião, como é o caso de âncoras de jornal, comentaristas e filósofos profissionais que trabalham para a grande mídia patronal. Alguns se autointitulam independentes, vendendo livros e cursos. Pautam a vida social pelos seus interesses de classes. A barbárie que extermina só se torna informação de interesse público quando seu projeto está ameaçado. A barbárie do desemprego, da falta de moradia, do agrotóxico nas nossas mesas, da degradação do meio ambiente, do trabalho escravo e infantil, da ação letal da polícia e das milícias nas periferias urbanas, dos coronéis nas zonas rurais, das privatizações, do sucateamento das políticas sociais não integra o conteúdo de suas análises. (SILVA et al, 2014, p.441)

O estudo supracitado insere-se na realidade do país em um recorte com uma anterioridade de dois anos em relação à criação da Brasil Paralelo, todavia é extremamente convergente ao surgimento e consolidação do grupo, que tem suas bases fincadas nos espaços digitais. A Brasil Paralelo surge, em suas palavras, com o ínterim de explicar o momento vivenciado no Brasil, de modo a romper com perspectivas atreladas ao – temido e distópico – "marxismo cultural".

Seu primeiro produto audiovisual de grande sucesso foi a série *Brasil: A última cruzada,* a qual, em suas palavras, "[...] constitui ainda hoje o maior resgate histórico já produzido no Brasil." (BRASIL PARALELO, 2022, p.1). Eivando-se em uma narrativa construída e cimentada à base de revisionismos históricos, a produção em questão traz uma "nova história do Brasil" que, em suas palavras, é constituída em "sacrifício, virtude e coragem, que por muito tempo nos foi negada" (BRASIL PARALELO, 2017). É por meio

---

https://historianawiki.medium.com/pol%C3%AAmicas-na-wikip%C3%A9dia-o-caso-do-verbete-brasil-paralelo-1a91f82f8254 (Acesso em Ago. 2022).

de tal série que ocorre uma negação aos processos colonizadores incidentes sobre o Brasil durante séculos; nesse caso, torna-se perspicaz voltar ao pensamento *benjaminiano* em relação à articulação do passado, no sentido de que "Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo "como ele de fato foi". Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo." (BENJAMIN, 1940, p.3).

A produtora, que se dedicava apenas à confecção de materiais de ordem audiovisual cresceu e, com isso, passou a produzir outros tipos de petrechos, ligados à iniciativa denominada *Núcleo de* formação, que mobilizava cursos e até materiais textuais (livros e artigos *online*). Essa expansão, por sua vez, ocorre em 2018. Nas palavras da empresa "trata-se da maior iniciativa educacional da BP. Hoje, o Núcleo já conta com mais de 50 cursos que contemplam aspectos diferentes da cultura." (BRASIL PARALELO, 2022); outrossim, as temáticas variavam entre a história, a filosofia, a ciência política e a economia, sempre com a hegemonia de trazer "uma nova consciência" distante àquela que tentava-se submeter os indivíduos através da grande mídia e/ou de partidos políticos e movimentos sociais ligados à esquerda.

Em 2019 é que ocorre o lançamento daquele que é, provavelmente, um dos mais explosivos documentários da produtora: *1964: O Brasil entre armas e livros.* Conforme já foi afirmado no presente trabalho, o filme em questão se eiva em um revisionismo histórico que tende à defesa de um posicionamento de ordem fascista e defensora do totalitarismo no âmbito brasileiro. As afirmações e as próprias nuances estéticas vigentes no material em questão são ligadas a uma vanglória à imagem do militar-herói, sendo as torturas e assassinatos bárbaros ocorridos no período uma farsa – em suas palavras baseada no "terrorismo ligado ao bloco comunista do período" (BRASIL PARALELO, 2019).

Entre os anos de 2020 e 2021, por sua vez, ocorre um processo de certa consolidação da Brasil Paralelo enquanto uma empresa, tendo o estabelecimento de sua sede no estado de São Paulo. Nesse contexto, a produtora também faz o lançamento de novos materiais, distribuídos entre séries, quadros de entretenimento e humor, dentre outros.

Os discursos promovidos pela Brasil Paralelo, aqui já se torna evidente, interligam-se a alguns pilares bem definidos: o neoliberalismo, o chamado *olavismo cultural* -- não apenas no documentário *1964: O Brasil entre armas e livros*, mas também

em outras produções, há várias entrevistas (e até homenagens[4] à figura) de Olavo de Carvalho; ademais, há um enquadramento e difusão às ideias do autor em questão, que se apresentam no sentido de retomar a ideologia do "marxismo cultural" [5] -- e o ideário fascista, no sentido apresentado por Marcusse (2001) e já mencionado no presente texto.

No caso do pilar neoliberal ao qual a Brasil Paralelo se liga, esse se torna evidente em relação à própria identificação da produtora enquanto uma empresa. Em uma entrevista datada no ano de 2018, Filipe Valerim afirma que a autoidentificação da Brasil Paralelo enquanto uma empresa apresentava-se enquanto um de seus aspectos mais determinantes (BOLETIM DA LIBERDADE, 2018), posto que isso alavancaria não apensas uma "maior liberdade" como também uma "maior produtividade na produção de conteúdos". Outrossim, a empresa pauta seus valores na própria reivindicação da meritocracia (BRASIL PARALELO, 2022).

Fiat ars – pereat mundus

O crescimento da Brasil Paralelo se dá em concomitância ao estirão da expansão do próprio cinema plataformizado, representado por empresas como a *Netflix* – e não custo recordar que a primeira chegou a ser apelidada de "*Netflix* da extrema-direita". A conjectura política brasileira, em concomitância à possibilidade de reprodução técnica oferecida pelos espaços virtuais foi uma chave ao crescimento e expansão das reflexões promovidas pela produtora em questão.

Não fosse suficiente a possibilidade de dominação instituída por meio dos conteúdos veiculados através de redes sociais, onde a Brasil Paralelo possui uma atuação que, advinda de uma empresa que afirma sobreviver apenas por meio de assinaturas, tem um gasto considerável ao que tange a questão dos anúncios – dados do *Facebook*

---

[4] Acerca de homenagens ao Olavo de Carvalho, foi feito um episódio do programa *Rasta News* – um dos "quadros de entretenimento" desenvolvidos pela Brasil Paralelo – após a morte do mesmo. O vídeo em questão pode ser assistido no seguinte link: https://www.youtube.com/watch?v=95RlraBZ33g&t=1294s (Acesso em Ago. 2022).

[5] Olavo de Carvalho, em suas alienações, definia seu fajuto marxismo cultural nos seguintes termos: "Estava portanto inaugurada, depois do marxismo clássico, do marxismo soviético e do marxismo revisionista de Eduard Bernstein (o primeiro tucano), a quarta modalidade de marxismo: o marxismo cultural. Como não falava em revolução proletária nem pregava abertamente nenhuma truculência, a nova escola foi bem aceita nos meios encarregados de defender a cultura ocidental que ela professava destruir. [...] Em poucas décadas, o marxismo cultural tornou-se a influência predominante nas universidades, na mídia, no show business e nos meios editoriais do Ocidente. Seus dogmas macabros, vindo sem o rótulo de "marxismo", são imbecilmente aceitos como valores culturais supra-ideológicos pelas classes empresariais e eclesiásticas cuja destruição é o seu único e incontornável objetivo." (CARVALHO, 2002, p.1)

apontaram que aos fins de 2020 a Brasil Paralelo desembolsou um valor próximo a R$1.240.623,00 para impulsionar cerca de 15.600 anúncios (MARCOZERO, 2021) –, a mesma continua a expandir-se, de maneira a versar relações de dominação sobretudo sobre grupos sociais provenientes de classes sociais menos privilegiadas.

Isso se exprime, com grande ênfase, a partir de duas iniciativas:

1) A presença de conteúdos produzidos pela Brasil Paralelo na TV Escola, canal de televisão da Associação Comunicativa Educativa Roquette Pinto (Acerp)

Conforme foi veiculado pelo Estadão (*apud* ISTOÉ, 2019) ouve um contrato com duração de três anos em 2019 para que houvesse exibição do documentário *Brasil: A última cruzada* na *tv* aberta. A exibição dos episódios – divididos em três partes – se daria todas as sextas-feiras, às 21 horas.

2) A exibição de conteúdos em regiões periféricas brasileiras

No ano de 2021, conforme veiculou a Folha de São Paulo (2021) deu-se início a uma parceria entre o G10 das Favelas – grupo que se define enquanto "[...] um bloco de Líderes e Empreendedores de Impacto Social das Favelas que [...] uniu forças em prol do desenvolvimento econômico e protagonismo das Comunidades, visando o desenvolvimento econômico e social dessas áreas urbanas." (G10 DAS FAVELAS, 2022, p.1) – e a Brasil Paralelo, que se dedicou à oferta de seus conteúdos exclusivos para assinantes a 500 famílias que habitam Paraisópolis (São Paulo – SP).

...

Benjamin (2021, p.47) escreveu:

> *Fiat ars – pereat mundus,* diz o fascismo que, como confessou Marinetti, espera da guerra a satisfação artística da percepção transformadora pela técnica. [...] A humanidade, que antigamente, com Homero, foi objeto de contemplação para os deuses olímpicos, tornou-se objeto de contemplação para si própria. A alienação de si própria atingiu o grau que lhe permite viver a sua própria aniquilação como um prazer estético de primeira ordem.

Refletindo as linhas acima expressas, e munindo-se do olhar que apreende o tempo livre enquanto o momento de afastamento das obrigações cotidianas, em complemento à

perspectiva crítica que descreve o modo como é nesse momento que acontecem tentativas ligadas à dominação e controle dos indivíduos, no sentido de adequar-lhes, psicológica e ideologicamente, à manutenção dentro dos parâmetros do modo de produção vigente, vislumbra-se na atuação da Brasil Paralelo uma postura de exercer seus esforços pela dominação cultural dentro de tal recorte.

Desfrutando-se das brechas à reprodutibilidade ofertadas pelos espaços virtuais, bem como de demais meios que servem enquanto alguns dos principais objetos vinculados ao desfruto do lazer – como as produções audiovisuais -- a empresa desemboca suas perspectivas aos indivíduos, sob o discurso e a estética de uma "única verdade plausível, vítima de constantes perseguições por quaisquer outros meios".

O fim que tal fenômeno levará ainda se encontra incerto. A única certeza que se vincula a tal cenário contextualiza-se no sentido da percepção em relação à hegemonia das amarras pertencentes à classe dominante em cada instância da vida. A apreensão de Benjamin em relação à reprodutibilidade técnica tomava tal termo em uma relação com a estetização da política, que poderia levar à barbárie fascista. É certa a reflexão de que a reprodutibilidade em nosso século atingiu níveis inimagináveis e, em certa medida, as páginas aqui expressas procuraram evidenciar essa questão. Não expresso, ao fim do texto, uma insinuação de previsão que vê a sociedade a recuar ao destino previsto por Benjamin, e é justamente em virtude disso que encerro minhas páginas com as palavras traçadas pelo autor ainda nos anos 30:

"O caráter destrutivo não vê nada de duradouro. Mas, por isso mesmo, vê caminhos por toda a parte. Mesmo onde os demais esbarram em muros ou montanhas, ele vê um caminho. Mas porque vê caminhos por toda a parte, também tem que abrir caminhos por toda a parte. Nem sempre com força brutal, às vezes, com força refinada. Como vê caminhos por toda a parte, ele próprio se encontra sempre numa encruzilhada. Nenhum momento pode saber o que trará o próximo. Transforma o existente em ruínas, não pelas ruínas em si, mas pelo caminho que passa através delas." (O Caráter Destrutivo, Walter Benjamin)

Referências

BRASIL PARALELO. **Capítulo 1 - A Cruz e a Espada | Brasil - A Última Cruzada.** YouTube. 2017. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=TkOlAKE7xqY&t=129s (Acesso em Jul.2022).

BRASIL PARALELO. **1964 - O Brasil entre armas e livros (FILME COMPLETO).** YouTube. 2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=yTenWQHRPIg (Acesso em Jul.2022).

BRASIL PARALELO. **OLAVO DE CARVALHO | Rasta News**. YouTube. 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=95RlraBZ33g&t=154s (Acesso em Ago.2022).

_____. **Sobre nós: o que é a Brasil Paralelo.** Disponível em: https://www.brasilparalelo.com.br/sobre (Acesso em Jun.2022).

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica.** *In.:* Benjamin, Walter. Estética e Sociologia da Arte. Belo Horizonte: Autêntica. 2021.

BENJAMIN, Walter. **Teses sobre o conceito de história.** 1940. Disponível em: http://www.proibidao.org/wp-content/uploads/2011/10/Sobre-o-conceito-de-historia_Walter-Benjamin.pdf (Acesso em Jul. 2022).

BERNADET, Jean-Claude. **O que é cinema?** São Paulo: Editora Brasiliense. 2015.

BOLETIM DA LIBERDADE. **Brasil Paralelo: em entrevista exclusiva, conheça a origem dos documentários que fazem sucesso na Internet**. Jul. 2018. Disponível em: https://www.boletimdaliberdade.com.br/2018/07/19/brasil-paralelo-em-entrevista-exclusiva-conheca-a-origem-dos-documentarios-que-fazem-sucesso-na-internet/ (Acesso em Jul. 2022).

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas.** São Paulo: Perspectiva. 2007.

BOURDIEU, Pierr. **Questões de sociologia.** Lisboa: Fim de Século. 2003.

CARVALHO, Olavo de. Do marxismo cultural. **Sapientiam autem non vincit malitia.** Junho de 2002. Disponível em: https://olavodecarvalho.org/do-marxismo-cultural/ (Acesso em Jul. 2022).

FRANÇA, Inácio. Produtora de filmes bolsonarista gastou R$ 1,2 milhão em publicidade no Facebook durante 2020. **MarcoZero.** Jan. 2021. Disponível em: https://marcozero.org/produtora-de-filmes-bolsonarista-gastou-r-12-milhoes-em-publicidade-no-facebook/ (Acesso em Jul. 2022).

FOLHA DE SÃO PAULO. **Mídia de Extrema-Direita tenta entrar nas favelas com realidade paralela.** 2021. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/colunas/perifaconnection/2021/10/midia-de-extrema-direita-tenta-entrar-nas-favelas-com-realidade-paralela.shtml (Acesso em Ago.2022).

G10 DAS FAVELAS. **Quem Somos.** Disponível em: http://www.g10favelas.org/ (Acesso em Ago. 2022).

GRAMSCI, Antonio. Cadernos do cárcere. **Introdução ao estudo da filosofia: a filosofia de Benedetto Croce**. Cadernos do cárcere. Vol.1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

GRAMSCI, Antonio. **Maquiavel: notas sobre el Estado e la politica.** Cuadernos de la cárcel. Vol.3. Ciudad de México: Ediciones Era. 1982.

.

ISTOÉ. **TV Escola dá espaço a produção revisionista.** Disponível em: https://www.istoedinheiro.com.br/tv-escola-da-espaco-a-producao-revisionista/ (Acesso em Ago. 2022).

MARCUSE, Herbert. **Tecnología, guerra y fascismo (textos inéditos).** Medelín: Editorial Universidad de Antioquia. 2001.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã.** São Paulo: Boitempo. 2007.

MARTINS, Ana Amélia Lage; MARTELETO, Regina Maria. Cultura, ideologia e hegemonia: Antonio Gramsci e o capo de estudos da informação. **INCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação.** Vol.10, n.1, 2019.

MORAES, Dênis de. Comunicação, hegemonia e contra-hegemonia: a contribuição teórica de Gramsci. **Revista Debates.** Vol.4, n.1, jan./jun. 2010.

SILVA, Adriana Brito da.; et al. A extrema-direita na atualidade. **Serviço Social & Sociedade**. Vol. 119, set. 2014.

SOUZA, Leigh Maria de. O conceito de *habitus* e campo: princípios que sustentam o *ethos* docente da educação profissional agrícola. **Anais do II Colóqui Nacional – A Produção do Conhecimento em Educação Profissional.** Natal: Instituto Federal do Rio Grande do Norte. 2013.